

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE DA CIDADE DE GOIÁS: DO ESPAÇO SAGRADO A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DE MEMÓRIAS

GUERINO, Recírio José¹

Resumo

A partir da década de 1940 na Cidade de Goiás, antiga capital do estado, houve por parte da Diocese local, agentes dos órgãos patrimoniais e cidadãos vilaboenses², junto ao DPHAN (Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); grande mobilização, culminando no processo de tombamento e musealização da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, que passou a resguardar valioso acervo em imagens e utensílios sacros - cristãos, edificada Museu de Arte Sacra em 1969. O objetivo deste trabalho foi analisar e compreender nesta dinâmica, as referências culturais, simbólicas e estéticas apropriadas pela igreja (Diocese) e comunidade local, em função do tombamento e musealização da referida igreja. Como recurso metodológico, foi analisado de início, o contexto histórico da construção da igreja, a vivência das práticas culturais religiosas vividas em torno do seu espaço, como também, o processo de tombamento e musealização. Seguidamente, houve pesquisa, levantamento e análise de dados por meios de ofícios, decretos de instalação, pareceres, catálogos de acervos, análises de fontes imagéticas e referências bibliográficas. Esta pesquisa, resultou na identificação de um espaço sagrado (a igreja), transformado em um espaço de memórias (o museu) que a partir dos elementos materiais e imateriais identificados no processo de tombamento e musealização, foi edificado Patrimônio Cultural, representativo da memória histórica, cultural e religiosa da Cidade de Goiás. Evidenciando assim, os diálogos e relações entre patrimônio, museologia, arte sacra e religião.

Palavras-chave: Igreja da Boa Morte, Museu de Arte Sacra, Patrimônio Religioso.

1. Igreja da Boa Morte da cidade de Goiás: do culto ao patrimônio

De forte tradição portuguesa, o culto a Nossa Senhora da Boa Morte no Brasil remonta ao “culto luso a Nossa Senhora D’Agosto” (BARBOSA, 2011, p.45.) pois, conforme a tradição católica romana, a Virgem Maria após a sua morte foi elevada aos céus de corpo e alma e, assim, a liturgia católica passou a celebrar de forma festiva, no dia 15 do mês de agosto, a Assunção de Nossa Senhora. A crença de que a Virgem Maria adormeceu e morreu em santidade deu origem ao culto à boa morte da Mãe de Deus, a Nossa Senhora da Boa Morte (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p.232). E no Brasil, este culto trazido pelos portugueses “foi introduzido no período colonial pelos jesuítas, na mesma medida em que houve o crescimento de irmandades e confrarias por várias regiões da colônia” (MORAES,

¹ Mestrando em Cultura, Religião e Sociedade, Pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Morrinhos, GO. Especialista em Museografia e Patrimônio Cultural pela Faculdade Claretiano. Itumbiara, GO. Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás, Itumbiara, GO. reciriojose@hotmail.com.

² Gentílico que nasce na Cidade de Goiás.

2012, p.173). Essas irmandades, de acordo com suas devoções e características sociais, passaram a venerar e a prestar devoção à Virgem Maria.

Em Goiás, na antiga capital Vila Boa, a irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte como também sua capela, são datadas do século XVIII:

Acreditamos, portanto, que os jesuítas chegados aos sertões dos Guayazes para atuar no processo de missão do gentio instituíram a irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e construíram a sua primeira capela, anterior à de 1751. A igreja atual, cuja construção é atribuída aos homens pardos, foi iniciada em 1762. Tal fato sugere, então, que desde os primórdios da ocupação havia uma irmandade de pardos devotos de São Gonçalo Garcia e uma capela da arquiconfraria de Nossa senhora da Boa Morte (MORAES, 2012, p.175-176).

Em torno da igreja da Boa Morte, pôde ser observado todo um cotidiano de sociabilidades, práticas culturais e devoção religiosa. Ritos, procissões e celebrações religiosas se configuraram em manifestações culturais que expressavam as sutilezas da cultura vilaboense. De acordo com MORAES (2012)³, em seus estudos sobre as irmandades religiosas em Goiás, há detalhamentos sobre a religiosidade praticada na igreja da Boa Morte nos ofícios do provedor das capelas de Vila Boa, Manoel Joaquim de Aguiar Mourão. Ressalta, que nesta igreja se venerava uma devota imagem de Nossa Senhora da Boa Morte com culto organizado por homens pardos congregados em uma grande irmandade erigida há mais de trinta anos, por meio de aprovação ordinária, a qual “vinha com efeito sustentado com decência fazendo todos os annos huma solemne e pomposa festividade” (ARQUIVO FREI SIMÃO DORVI: Documentos Avulsos: COMPROMISSO de N.S. Boa Morte, Vila Boa, 1775 Apud MORAES, 2012, p.171)

Já no séc. XIX, através de olhares, relatos e registros visuais sobre a antiga capital goiana, produzidos por viajantes europeus que passaram pela capitania de Goiás; é que também pôde ser percebido as estéticas nuances da cultura religiosa em torno da igreja da Boa Morte. Dentre os registros de viajantes que atestaram sobre os aspectos culturais observados, destaca-se Pohl⁴, que segundo MACHADO (2016), o naturalista austríaco em seus relatos reunidos no livro

³ A pesquisa de Cristina de Cássia Pereira de Moraes, intitulada: Do corpo místico de Cristo: irmandades e confrarias na Capitania de Goiás (1736-1808), mapeou 12 importantes irmandades e confrarias formadas por grupos sociais diversos no período. Esses grupos, atuavam com constância na prática dos ritos e devoção da fé cristã católica, imprimindo um caráter místico nas sociabilidades das vilas e arraiais da capitania de Goiás. (MORAES, 2012).

⁴ Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834) era natural da Áustria. Formado em medicina, geologia e botânica. Integrou a Missão Austríaca ao Brasil entre 1817 e 1822. Desligou-se da expedição e realizou uma viagem de quatro anos pelo interior do Brasil, passando pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás (MACHADO, 2016).

Viagem no interior do Brasil (1976) testemunhou esses aspectos. Vindo da corte de Dona Leopoldina, detalhou as comemorações da Semana Santa na antiga capital e destacou que

com todo esplendor e preferida pelos vilaboenses, é sem dúvida a Semana Santa, introduzida pelo pe. João Perestrello de Vasconcellos Spindola, austero padre espanhol que chegando a Goiás em 1745, acrescentou aos costumes religiosos, a Semana Santa segundo a liturgia de sua terra. Os farricocos ou farricocos também chamados Encapuçados, estão presentes em Goiás e em Sevilha. Perestrello criou neste mesmo ano a Irmandade do Senhor dos Passos, que promovia a Semana dos Passos. Segundo Pohl [...] esta confraria era constituída pelos *senhores*. Tempos depois os pardos da igreja da Boa Morte organizaram a Semana das Dores, tentando sobrepujar em fausto e beleza as cerimônias dos brancos. Temos conhecimento que mais tarde esta Semana passou ao encargo das moças e senhoras brancas [...]. No itinerário destas duas procissões existem 14 capelinhas denominadas “Passos”, que representam os quadros da Via Sacra, onde os Coros da Semana Santa cantavam os Motetes dos Passos e das Dores. (RODRIGUES, 1982 Apud MACHADO, 2016, p. 40).

Um outro aspecto notado é em relação a arquitetura da igreja da Boa Morte. Em Goiás, as igrejas e capelas mesmo sem suntuosidades e elegância, foram percebidas pelos viajantes europeus. Este cenário pôde ser evidenciado no largo da Matriz, onde foi erigido a igreja matriz de S’Antana, o Palácio Conde dos Arcos, antiga sede do governo e a igreja de Nossa Senhora da Boa Morte. Tal espaço foi ilustrado por Burchell⁵, conforme imagem abaixo

Figura 01 - Largo da Matriz - 1827



Fonte: (MENEZES, 2018, p.262)⁶

Ainda sobre o mesmo cenário Castelnau⁷ destaca: “No mesmo largo do palácio ergue-se a Matriz, ou Cathedral, mais sumptuosa internamente do que por fora, como também a igreja da

⁵ O inglês William John Burchell (1781-1863) foi desenhista, pintor e botânico. Chegou ao Rio de Janeiro em 1825, seguiu para Santos e 1827 para Goiás. Entre 1827 a 1829 registrou paisagens de cidades goianas, dentre elas Silvânia (na época Bonfim), Pirenópolis, Arraial do Córrego de Jaraguá e Vila Boa, atual Cidade de Goiás (MACHADO, 2016, p.).

⁶ Esta imagem tem origem do Jornal O Vilaboense (2017).

⁷ François Louis Nompar de Caumont LaPorte, conde de Castelnau, foi um naturalista inglês que esteve no Brasil a serviço da França de 1843 a 1847. cruzou a América do Sul, do Peru ao Brasil, seguindo o Amazonas e os sistemas do Rio da Prata. Esteve em Goiás de fevereiro a dezembro de 1844 (MENEZES, 2018, p.).

Boa Morte, cuja elegante fachada não ficaria deslocada em qualquer cidade da Europa”. A figura 2, mostra o registro feito por Castelnau em 1844.

Figura 02 - Procissão no Largo da Matriz - Castelnau (1844)



Fonte: (MENZEZES 2018, p. 263)⁸

Entretanto, destacamos que as práticas religiosas vivenciadas na antiga capital, tendo como referência a igreja da Boa Morte, a tempos ganharam visibilidade e atraíram a participação popular, se tornando tradição cultural religiosa vilaboense como também goiana:

As festas da Semana Santa na Cidade de Goiás, muito parecidas com as de Braga em Portugal, até nos mascarados Farricocos, reúnem o dobro, o triplo da gente de Braga, que é uma cidade maior e muito mais rica do que Goiás” (BERTRAN, 2001 Apud SILVA, 2019).

Outro ponto de atenção, refere-se à monumentalidade da igreja da Boa Morte. Construída no séc. XVIII sua arquitetura resistiu por mais de dois séculos, sendo caracterizada “ser o único edifício da cidade a possuir em sua monumentalidade elementos de característica barroca” (COELHO, 2001, p. 41). Desse modo, é possível identificar nessa Igreja, tanto como espaço de referência das tradições religiosas goianas, quanto na arquitetura do séc XVIII, elementos materiais e imateriais mediados no seu processo de patrimonialização e musealização, como discutiremos a seguir.

A partir de 1940, surgem as primeiras ações patrimoniais, voltadas para a instituição da cidade de Goiás a título de Patrimônio Histórico. Uma visita solicitada ao SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1948, encaminhada ao diretor Rodrigo de Melo

⁸ Segundo Gustavo Neiva Coelho (2013, p. 55), esta imagem é atribuída a Jean Baptiste Debret Um exemplar da obra estaria no Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC/GO) em Goiânia.

Franco de Andrade, solicitou, via ofício⁹, os primeiros pareceres e procedimentos para esta ação:

Ilmo. Snr.

Venho por meio deste, pedir a Vossa Excelencia, Sejam declarados monumento histórico e nacional, os prédios da então capital de Goiás, Cidade de Goiaz: Chafariz, Cadeia Pública, Igreja da Boa Morte, Igreja da Abadia e Palácio do Governo.

Outrossim, ponho-me a disposição de vossa Excelencia para qualquer elucidação e prontifico-me a colaborar ativamente no que for necessário. Ao ensejo apresento-lhe os meus protestos de elevada estima e distinta consideração (IPHAN. Ofício dos autos do Processo de Tombamento N.ºr. 01450.006317/2004-56, fls 24, janeiro de 1948).

Foi emitido ofício¹⁰ pelo SPHAN, em resposta com parecer favorável ao tombamento do centro histórico concluindo que “65 % das edificações arquitetônicas que compõem o conjunto urbanístico da cidade de Goiás não sofreram modificações que as desfigurassem ou descaracterizassem e 30% se reservariam a possíveis recuperações” (IPHAN. Ofício autos do Processo de Tombamento N.ºr. 01450.006317/2004-56, fls 25 a 27, 02 de outubro de 1948).

Mediante análises técnicas, o arquiteto do SPHAN Edgar Jacinto da Silva emitiu parecer¹¹, sobre os principais monumentos históricos: o Chafariz da Boa Morte, a antiga casa de Câmara e Cadeia, o Palácio Conde dos Arcos, antiga sede do governo e as igrejas de Nossa Senhora da Abadia e a de Nossa Senhora da Boa Morte. Sobre as igrejas, Edgar Jacinto destaca:

Das existentes na velha capital, somente a N. Sa. da Abadia conserva a sua integridade arquitetônica. Será restaurada por esta repartição. As restantes,

⁹ Ofício emitido em 26 de janeiro de 1948 referente ao processo de tombamento de monumentos e edifícios históricos da Cidade de Goiás incluído nos autos do Processo de Tombamento N.ºr. 01450.006317/2004-56. Documento digitalizado N.ºr. 1336910, Vol. I, p.24. Arquivo: IPHAN, Processo de Tombamento N.ºr. 01450.006317/2004-56. Fonte:

https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?iI3OtHvPARlTY997V09rhsSkbDKbaYSycOHqqF2xsM0IaDkkEyJpus7kCPb435VNEAb16AAxmJKUdrsNWVIqQ-bFOi5jrl-9Vxv5g-6-W3_1nNuO2HyE--S2mjcktKu. Acesso 07 julho 2021.

¹⁰ Ofício emitido em 02 de outubro de 1948 referente as análises técnicas e pareceres dos monumentos e edifícios históricos da Cidade de Goiás incluído nos autos do Processo de Tombamento N.ºr. 01450.006317/2004-56. Documento digitalizado N.ºr. 1336910, Vol. I, p.30-32. Arquivo: IPHAN, Processo de Tombamento N.ºr. 01450.006317/2004-56. Fonte:

https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?iI3OtHvPARlTY997V09rhsSkbDKbaYSycOHqqF2xsM0IaDkkEyJpus7kCPb435VNEAb16AAxmJKUdrsNWVIqQ-bFOi5jrl-9Vxv5g-6-W3_1nNuO2HyE--S2mjcktKu. Acesso 07 julho 2021.

¹¹ Ofício emitido pelo SPHAN assinado por Edgar Jacinto da Silva em 02 de outubro de 1948 referente à solicitação de visita e parecer para o processo de tombamento da Cidade de Goiás e seus monumentos e edifícios históricos incluído nos autos do processo de tombamento da Cidade de Goiás N.ºr. 01450.006317/2004-56. Documento digitalizado N.ºr. 1336910, Vol. I, p.33. Arquivo: IPHAN, Processo de Tombamento N.ºr. 01450.006317/2004-56. Fonte:

https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?iI3OtHvPARlTY997V09rhsSkbDKbaYSycOHqqF2xsM0IaDkkEyJpus7kCPb435VNEAb16AAxmJKUdrsNWVIqQ-bFOi5jrl-9Vxv5g-6-W3_1nNuO2HyE--S2mjcktKu. Acesso 07 julho 2021.

parcialmente modificadas, carecem de maior valor. Entretanto convém frisar que a igreja de N. Sa. da Boa Morte, apesar de ter sido incendiada a sua capela-mor, externamente conserva-se em toda a sua originalidade do século XVIII. (IPHAN. Ofício autos do Processo de Tombamento N^or. 01450.006317/2004-56, fls 25 a 27, 02 de outubro de 1948).

Os monumentos elencados para tombamento na Cidade de Goiás, dentre eles a igreja da Boa Morte, foram instituídos a título de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural em um contexto de forte mobilização patrimonial coletiva. Os sentidos de patrimonialização sobre os bens culturais, resultaram em uma consciência de forças que teriam “desencadeado o apego ao seu passado colonial, na valorização de seus monumentos, nas tradições e na ritualização do patrimônio” (TAMASO, 2007, p.110). Nisto, entendemos a consolidação de um processo de instituição dos lugares da memória, onde a igreja da Boa Morte, ao perder suas sagradas atribuições (Igreja), transformou-se em um desses espaços (o museu). Analisando seu percurso histórico, a partir do séc. XVIII, percebemos apropriações desses elementos:

Edifício de arquitetura religiosa situado entre duas ruas, tendo sua fachada principal voltada para o Largo da Matriz, no centro histórico da cidade de Goiás. Construída em 1779, no local onde esteve a casa do descobridor de Goiás, pertencente à Confraria dos Homens Pardos da Boa Morte, tem paredes em taipa de pilão, telhado em telha de barro canal, planta de nave oitavada, frontispício decorado com volutas e elementos florais e torre sineira isolada do edifício em estrutura de madeira e cobertura em telha de barro canal. Tendo a matriz se arruinado no século XIX, a igreja se tornou a Sé da Boa Morte. Um incêndio, em 1921, destruiu telhados e parte dos retábulos, forros, etc. Reconstruída, permaneceu templo religioso até 1967. Em 1968 a Cúria transferiu sua coleção de alfaias, móveis antigos, paramentos e sobretudo imagens do escultor goiano Veiga Valle para a Igreja da Boa Morte, criando-se então o Museu de Arte Sacra da Boa Morte. (PLANO MUSEOLÓGICO MUSEU DE ARTE SACRA DA BOA MORTE. 2009, p. 32).

Após o incêndio em 1921, restaurada, passou a sediar reuniões e pequenas celebrações do culto católico. Em 1950 foi tombada pelo DPHAN¹² a título de Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico e Paisagístico, mediante significativas considerações:

é o único edifício na cidade que apresenta em sua fachada elementos característicos do barroco, e uma das duas únicas igrejas onde a planta da nave, através de um artifício construtivo, tem a forma de um octógono irregular. É também a única com três aberturas de iluminação no coro, com as duas janelas normais e, entre elas, logo acima da porta principal, uma outra, com guarda corpo entalado (COELHO, 2001, p. 41).

¹²A partir de 1950 o respectivo órgão do Patrimônio Histórico passa a nomenclatura de SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para DPHAN (Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) ROSA (2016, p. 61-62).

No mesmo ano, foi inscrita no livro de tombo das Belas Artes pelo DPHAN de caráter Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, processo 345- T-4, nº 356, fls.72” e “em esfera Estadual pela lei nº 8915 de 13/10/1980” (PLANO MUSEOLÓGICO MUSEU DE ARTE SACRA DA BOA MORTE. 2009, p. 32-33). Outro aspecto que caracteriza a sua monumentalidade como obra arquitetônica é “sua fachada que possui um frontispício decorado com volutas e elementos florais, a sua localização no vértice mais alto do Largo do Palácio Conde dos Arcos e a convergência de visão provocada pelo seu posicionamento” (COELHO, 2001, p.41-42).

Figura 03-Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte



Fonte (2019): Acervo próprio

Em 1968, foi pensado a transferência do acervo da cúria diocesana de alfaías, pratarias, móveis antigos, parâmetros, cerca de 160 objetos litúrgicos e religiosos para a igreja da Boa Morte. Após algumas reuniões encabeçadas pelo bispo local, Dom Tomaz Balduino, houve a eleição de membros conselheiros, criando um projeto ideário de criação de um museu com características eclesiais. Em 1969, após uma segunda reunião, “foi apresentada cópia de uma carta enviada ao diretor do DPHAN, seguido da proposta de parceria com o mesmo e a escolha do nome: Museu de Arte Sacra da Boa Morte” (PLANO MUSEOLÓGICO MUSEU DE ARTE SACRA DA BOA MORTE. 2009, p.10). Seguidamente, firmou-se o convênio entre a Diocese de Goiás e o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN).

2. Os santos de Veiga Valle

No decorrer de sua formação como museu, a igreja da Boa Morte passou a resguardar um rico acervo adquirido ao longo dos anos, estes, de grande significado sacro-cristão. Sabe-se que em 1958, em decorrência da visita do antiquário José Nobrega à cidade de Goiás, muitas imagens antigas de santos católicos foram obtidas. Ao saber do fato, o frade Dominicano D. Cândido Penso se dirigiu pessoalmente ao colecionador e resgatou as imagens de volta. Muitas delas, eram obras datadas do séc. XIX e algumas feitas pelo escultor Joaquim José da Veiga Valle.

Veiga Valle foi um santeiro de origem goiana que residiu em Vila Boa a partir de 1841, quando foi convidado pelo Sr. José Rodrigues Jardim, ex-governador de Goiás, para dourar o altar-mor da igreja matriz de Sant'Ana. De formação católica, já aos 14 anos de idade, iniciou seu ofício de escultor por influência do Padre português Manuel Amâncio da Luz. A maior parte de suas obras ao longo de sua vida foram obras sacras. De acordo com Fernando Martins dos Santos

A maioria das suas obras é composta de esculturas feitas em madeira cedro representando uma grande variedade de santos, destacando as Madonas, representadas principalmente por Nossa Senhora d'Abadia, da Conceição, da Guia, do Bom Parto, do Rosário, da Penha, das Mercês, do Rosário entre outras. Além das madonas, o artista produziu imagens de São Sebastião, Cristo em Agonia, São Miguel Arcanjo, São José de Botas, São Joaquim entre outros. As suas esculturas eram produzidas por encomenda pelos devotos católicos, o que explica a grande quantidade de esculturas de Meninos Jesus, elementos fundamentais da tradição vilaboense de se construir presépios na época de Natal (SANTOS, 2019, p.3-4).

As obras de Veiga Valle embelezaram requintados e dourados altares das matrizes goianas, tanto quanto capelinhas singelas e oratórios domésticos. Sua estética foi ricamente percebida e destacada por Heliana Angotti Salgueiro

As imagens veigavallianas podem ser reconhecidas com facilidade: características de estilo, forma e cor que singularizam a produção do artista, fugindo aos estereótipos que a sociedade conhece. Embora o estilo e o gênero, considerados historicamente, sejam codificados, a imaginária de Veiga Valle escapa ao serial da arte anônima que marca a maior parte da escultura religiosa. São as soluções pessoais, tanto as da forma e artesanato, desenho, cromatismo, acabamento, quanto às da expressividade, atitudes e fisionomia que singularizam a obra veigavalliana. Singularidade que diferencia um *corpus* de imagens, para além de sua repartição entre o Rococó e o Neoclassicismo (SALGUEIRO, 1983, p. 61).

Suas obras também foram intituladas como “iluminadas” (SALGUEIRO, 1983). Ele utilizava o ouro em pó no acabamento de algumas de suas esculturas e folhas de ouro por baixo da pintura, trazidas da Alemanha. Sua técnica ganhou ressonância nacional a partir de 1940, quando o restaurador baiano João José Rescala, em visita às igrejas da cidade de Goiás, se deparou com as obras do escultor. Conseguindo em seguida ter acesso a mais de 100 obras do santeiro, algumas já na igreja da Boa Morte, outras em algumas casas da cidade. Rescala, ao observar com atenção os detalhes das peças, percebeu que se tratava de um artista de grande valor e notoriedade. Nisto, a revista paulista Ilustração “no mesmo ano expos os trabalhos do santeiro” (SALGUEIRO, 1983, p. 60). Ainda, por essa época, foi adquirido para o Museu de Arte Sacra da Boa Morte, imagens de particulares e de algumas igrejas para expor

permanentemente ao público. Em igrejas também do estado de Goiás, imagens reconhecidas e identificadas de Veiga Valle, foram levadas em custódia para o Museu da Boa Morte.

Figura 04. **Sala de exposição do Museu**



Fonte: (2019) Acervo próprio

Diante o exposto, e por fim, é importante destacar, que em 2009 o Museu da Boa Morte passou a ser mantido e administrado pelo IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) em parceria com a Cúria Diocesana da Cidade de Goiás, tendo sido elaborado também o seu Plano Museológico, o qual apresenta como missão: “Prestar serviço à sociedade através da valorização e reconhecimento do patrimônio material e imaterial sacro-cristão” (PLANO MUSEOLÓGICO MUSEU DE ARTE E SACRA DA BOA MORTE, 2009, p. 13). Como objetivos, seu Plano Museológico ressalta:

preservar e comunicar o Patrimônio Cultural sacro-cristão em todas as suas manifestações, manter sob guarda o acervo religioso da sede da Diocese de Goiás, divulgar a obra do escultor e pintor goiano José Joaquim da Veiga Valle (séc. XIX), através de exposições e ações educativas e culturais (PLANO MUSEOLÓGICO MUSEU DE ARTE SACRA DA BOA MORTE, 2009, p. 13-14).

Destaque-se ainda, que o museu possui um acervo com 923 peças, incluindo pratarias e indumentárias sacro-cristãs e as obras de Veiga Valle. É atualmente o único museu do Brasil a preservar o acervo do escultor.

Além de resguardar acervo material de grande valor patrimonial, é das portas do museu que todos anos na semana santa, na Quinta-feira da paixão de Cristo, sai a famosa procissão do fogaréu¹³ pelas ruas da cidade. A procissão tem 350 anos de tradição e foi introduzida no séc.

¹³ Em 1745 o padre espanhol João Perestrello de Vasconcelos Spínola, que fundou no mesmo ano a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, introduziu na Semana Santa da antiga capital, uma espécie de procissão teatralizada. A procissão de origem europeia medieval era ritualizava pelas ruas da cidade com a presença de homens

XVIII. A 0hr, as luzes em toda a cidade são apagadas e 40 moradores se vestem de indumentárias e capuzes coloridos segurando tochas. Estes, são os farricocos, que representam os soldados romanos na prisão de Cristo no monte Getsêmani. O momento da prisão de Cristo é representado com o encontro dos farricocos com um estandarte com a imagem de Cristo, pintado pelas mãos do próprio Veiga Valle. Nesse momento, às portas da igreja da Boa Morte, história e memória se cruzam, mais uma vez pelas ruas da antiga Vila Boa de Goiás.

Figura 05. **Concentração da Procissão do Fogaréu**



Fonte: O Popular (2019)

Entre santos, indumentárias, pratarias e procissões, a secular igreja da Boa Morte se ascendeu em um espaço de memórias, sentidos, afetos e tradições locais, resguardo dos santos de Veiga Valle e relicários sacros cristãos; símbolo do patrimônio religioso vilaboense e goiano. Essa transformação, segundo François Hartog, é passível de ressonância, pois “em tempos modernos, onde em função do presente e do futuro e em nome do patrimônio, temos necessidade de lugares de memória” (HARTOG, F, 2013, p. 161 -162).

3. Considerações finais

Ao analisar o processo de tombamento e musealização da igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, como também pesquisa de campo documental por meio de jornais de época, ofícios, decretos, pareceres, relatórios técnicos, acervos fotográficos e fontes bibliográficas. Foi reconhecido um sistema patrimonial concebido a partir do sistema cultural e simbólico, construído pela memória histórica local, sobre os bens culturais materiais e imateriais, percebidos nos monumentos e igrejas antigas, nas ruas e becos de pedra. Neste percurso de compreensão do sistema patrimonial gestado, identificou-se que, paralelamente ao sistema

encapuçados, os farricocos, que se auto flagelavam portando tochas de fogo. O ritual remetia a penitência imposta pelos pecados aceita pelos fiéis. Na atualidade, a Procissão do Fogaréu é realizada seguindo um itinerário litúrgico performático da Semana Santa Católica vilaboense, numa mistura de fé, estética e atração turística (CAES, 2019).

patrimonial, houve a edificação de uma memória coletiva, pautada no sentimento de afeto e na busca da preservação da tradição cultural religiosa.

Seja na sua monumentalidade arquitetônica ou no valioso acervo sacro que resguarda, o seu reconhecimento e institucionalização museal é resultado de uma consciência patrimonial. Ainda foi percebido que a ressignificação de uma identidade cultural local, foi reconstruída na tentativa de superar o trauma da transferência da capital, em uma relação complexa e ambígua de preservação da memória coletiva e dos objetos que a representam; sem, no entanto, aceitar à cunha de ser uma cidade do passado. A cidade de Goiás e os vilaboenses, se reinventaram de muitas formas. A igreja que virou museu, o Museu de Arte Sacra da Boa Morte, símbolo do Patrimônio religioso vilaboense e goiano, é apenas um capítulo dessa história.

Referências bibliográficas

ABREU, L. R.R.; SANTOS, S.R. Nos braços da Mnemosine: O espaço do museu como lugar da memória e da educação. **Educere- Revista Diálogos Educacional** - XII Congresso Nacional de Educação. Curitiba. 2015.

BARBOSA, M. Festa da Boa Morte. Salvador. **Cadernos do IPAC 2**, n.12.p.25-65. 2011.
BIASE, A. Ficções Arquitetônicas para a construção da identidade. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre. vol.07, n. 16. p.173-188.2001.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

BOAVENTURA, D.M.R. **Urbanização em Goiás no séc. XVIII**. 2007. 280 p. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós - Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAUP-USP), São Paulo. 2007.

CAES, A. L. Interpretações Acadêmicas sobre a Procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás: um olhar sobre algumas bibliografias. **Revista Expedições**, Morrinhos. Vol. 10, n.1, jan./abr. p. 01-15. 2019. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/9229. Acesso em jul 2019.

COELHO, G. N. **Guia dos Bens imóveis tombados em Goiás**. Ed. Trilhas Urbanas. Goiânia. 2001.

JENKINS, K. **A História Repensada**. São Paulo. Contexto, 2005.

HARTOG, F. Introdução – Ordens do tempo, regimes de historicidade. In: **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica. 2013. p. 17-19.

_____. Memória, história, presente. In: **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica. 2013. p.133-191.

HOBSBAWN, E. J. A invenção das tradições. In: HOBSBAWN, E. J; RANGER, T (org). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1997.p. 09-24.

IBRAM. **Os Museus**. Instituto Brasileiro de museus. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/os-museus/>. Acesso em 15 set 2019.

MACIEL, D. Goiás e a questão da modernidade: entre a ideologia do progresso e o estado autoritário. **História Revista**. Goiânia. vol. 2, nr.2, jul./dez, p.53-76, 1997. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4852104>. Acesso em 10 jul 2019.

MACHADO, R. S. **A imaginária religiosa de Goiás: O reconhecimento de Veiga Valle e o anonimato dos santeiros goianos (1820-1940)**.2016. 276 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós- Graduação em História, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia. 2016.

_____. Representações Estéticas de Veiga Valle. **Revista Faces da História**, Assis. vl.01, n.01. p.203-223. 2014.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Plano Museológico Museu de Arte Sacra da Boa Morte. Cidade de Goiás**, 36 p. 2009. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/?submit=&s=Museu+d54-268+arte+sacra+da+boa+morte>. Acesso em 17 jul 2019.

MORAES, C.C.P. **Do Corpo Mística de Cristo: Irmandades e Confrarias na Capital de Goiás 1736- 1808**. Goiânia. Cegraf UFG, 2012.

ROSA, M. M. **Por uma etnografia dos museus na cidade de Goiás**.2016. 194 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás (UFG) – Faculdade de Ciências Sociais, Goiânia. 2016.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. **A singularidade da obra de Veiga Valle**. Goiânia: UCG, 1983.

SANTOS. F. M. **Da morte do homem ao nascimento do artista**. CEPE: III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG. Pirenópolis. 2016. Disponível em:

[file:///C:/Users/recir/Downloads/7457-Texto%20do%20artigo-21904-1-10-20161117%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/recir/Downloads/7457-Texto%20do%20artigo-21904-1-10-20161117%20(2).pdf). Acesso em 10 agosto 2019.

_____. Em torno de Veiga Valle (1806 – 1874): Recepção e Construção da ideia de Patrimônio na Cidade de Goiás. **ANPUH Brasil** - 30º Simpósio Nacional de História, Recife. 2019. Disponível em: [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564492867_ARQUIVO_EmtornodeVeigaValle\(1806-1874\)-recepcaoconstrucaoadaideiadepatrimonionacidadedeGoiias.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564492867_ARQUIVO_EmtornodeVeigaValle(1806-1874)-recepcaoconstrucaoadaideiadepatrimonionacidadedeGoiias.pdf). Acesso em 10 agosto 2019.

SILVA, G. G.; MELLO, M. **A revolução de 1930 e o discurso da ruptura: Goiânia e a marcha para o Oeste**. Cordis: Revoluções, cultura e política na América Latina. São Paulo, n.11. p.57-89. 2013.

SILVA, L. F. **A Mineração em Goiás e o desenvolvimento do estado**. 2010. 61p. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Departamento de Ciências Econômicas, Pontifícia Universidade Católica de Goiás- (PUC-GO), Goiânia. 2010.

SILVA, R.C. **Revisitando os caminhos historiográficos de Luiz Palacin**. História Revista. Goiânia. vol.13. n.1. p.249-266. 2008.

SOUZA, A.C. D. **Entre Monumentos e Documentos: Cidade de Goiás, Cora Coralina e o Dossiê de Tombamento**. 2009. 133 p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Geografia, Sociologia e Relações Internacionais, Universidade Católica de Goiás (UCG), Goiânia. 2009.

TAMASO, I. S. **Em nome do patrimônio: Representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás**. 2007. 787 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais – Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília (UNB), Brasília. 2007.